

Vacina JÁ!
Em defesa do SUS!
Contra o negacionismo!

PUCViva

Edição nº 1139- 11/03/2022

Jornal semanal da APROPUC e AFAPUC

RETORNO PRESENCIAL

PROFESSORES DENUNCIAM PIORA NAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

A assembleia realizada pela APROPUC em 07/março constatou mais uma vez um fato que já vem sendo apontado ao longo de vários encontros e assembleias realizados no início desse semestre: após dois anos decorridos desde o início do ensino remoto, a PUC-SP não se preparou adequadamente para a volta ao ensino presencial.

Novamente foram constatados problemas em protocolos como aferição de vacinação e ausência de obrigatoriedade de testes, limpeza nos sanitários, salas de aula e áreas comuns em geral, ventilação inadequada, entre muitos outros itens (veja relação completa no box desta página).

A estranheza dos docentes foi direcionada principalmente para o fato de que, com um prazo longo e economia de várias verbas, a PUC-SP não conseguiu adequar-se para a volta de suas atividades.

A impressão que ficava é que o grande ônus pela desorganização dessa volta tumultuada ficou nas costas de professores e funcionários que se depararam com problemas bem piores do que aqueles de antes da pandemia. Foi por esse motivo e também pelo temor de que o carnaval trouxesse

aumento de casos de Covid-19 e correlatas, que professores, funcionários e parte dos estudantes reivindicavam que as aulas não se iniciassem presencialmente em 03/março, e ocorressem de maneira organizada, sem as conhecidas aglomerações na prainha e quadra esportiva.

FALTA DE EQUIPAMENTOS

Os professores constataram que a retirada de computadores e equipamentos no audiovisual está difícil uma vez que boa parte dos equipamentos cedidos durante o período de suspensão das aulas ainda não havia sido devolvido ao setor, o mesmo acontecendo com cabos e outros acessórios. Os estudantes e funcionários reclamaram bastante do fechamento do restaurante do campus Monte Alegre e das lanchonetes, prejudicando principalmente aqueles de baixa renda ou bolsistas que dependem da alimentação subsidiada, os restaurantes ao redor do campus Monte Alegre ficaram superlotados e sujeitaram professores e funcionários a uma longa espera. Ausência de xerox funcionando, biblioteca e ambulatório mé-

Continua na página seguinte

Principais problemas encontrados pelos professores em seu retorno presencial

- ✓ Salas lotadas e com pouca ventilação (tanto nas salas do Prédio Novo como no Prédio Velho do Campus Monte Alegre);
- ✓ Bibliotecas fechadas;
- ✓ Ambulatório fechado;
- ✓ Audiovisual não disponibiliza computadores e acessórios em número suficiente;
- ✓ Sanitários em condições precárias de limpeza; falta de reposição de sabonete líquido e papel toalha;
- ✓ Serviços de copa não funcionam.

O que os professores reivindicam para um reinício de aulas presenciais

- ✓ Fornecimento de máscaras PFF2 ou NK95 para professores e funcionários;
- ✓ Higienização completa das salas de aula após seu uso;
- ✓ Limpeza constante e Instalação de filtros HEPA nos aparelhos de ar condicionado;
- ✓ Utilização da chamada ventilação cruzada nas salas
- ✓ Avaliação das condições de trabalho junto aos usuários diários - professores e funcionários;
- ✓ Reabertura do ambulatório para atendimento da comunidade, com médico e, inclusive, pessoal capacitado para colheita de testes laboratoriais de COVID;
- ✓ Reabertura dos restaurantes com protocolos sanitários;
- ✓ Reabertura do xerox e da biblioteca;
- ✓ Álcool em gel em dispensers em todos os ambientes.

continuação da página anterior

dico fechados, e até o tradicional cafezinho servido aos docentes e funcionários não estava à disposição, uma vez que os funcionários da copa não voltaram plenamente.

A situação de insegurança ficou patente quando um professor foi alertado para um caso de Covid-19 entre os estudantes e nada poderia ser feito na universidade, pois o ambulatório estava fechado, impossibilitando atendimento e colheita de testes necessários. Casos de professores com comorbidades também não tinham soluções pré-estabelecidas pela universidade.

Por tudo isso, os professores reunidos em Assembleia realizada em 07/março, decidiram prosseguir com suas ações reivindicatórias, continuando com o chamamento pela APROPUC para uma mesa redonda com os gestores da universidade e o Sinpro-SP, para discutir as condições de trabalho na universidade. Além dessa medida, também foi decidido o prosseguimento de ações legais junto ao Ministério Público do Trabalho e, novamente, estabelecer contato com deputados e vereadores para que o problema da PUC-SP possa ser debatido e publicizado na Assembleia Legislativa. Os professores e a APROPUC deverão ainda procurar instâncias acadêmicas como direções e coordenações, para estabelecer um diálogo que vem sendo negado tanto pela Fundasp como pela Reitoria.

Não somos cobaias!

As condições do retorno presencial às salas da PUC-SP têm exposto professores e a comunidade em geral a riscos desnecessários. A APROPUC, AFAPUC e a APG reivindicavam uma volta presencial escalonada, sem prejuízo do calendário escolar que seguiria online até o dia 21/3, como fizeram inúmeras instituições de ensino de São Paulo, retornando após uma "quarentena" de carnaval.

Porém a Reitoria e a Fundasp negaram-se ao diálogo com as associações, preferindo a tomada de decisões unilaterais, que nem sempre se constituíam num consenso entre a comunidade.

O resultado foi aquele já previsto: aglomerações monumentais de estudantes dentro e fora do campus Monte Alegre, dificuldades no cumprimento dos protocolos sanitários e, para

piorar, uma universidade que, em função das limitações da pandemia, não oferecia condições de trabalho adequadas, com restaurantes, xerox, ambulatório médico fechados, biblioteca, serviços de áudio-visual precarizados, classes que continuam com excesso de alunos e sem distanciamento social preventivo, com pouca aerização, limpeza deficiente, entre outras deficiências constatadas nesse retorno tempestivo pela comunidade. Na verdade, em 2 anos de pandemia, não houve investimentos na manutenção e aquisição de equipamentos, na melhoria das condições de trabalho e da qualidade de ensino.

Assim, nós docentes, vimo-nos na situação de verdadeiras cobaias humanas, expostos às ameaças que a pandemia representa, sem alternativa a não ser a do protesto qualificado. Por seu lado, as instâncias superiores e responsáveis

da PUC-SP, uma universidade que sempre primou pelo diálogo interno e externo e pela luta por condições dignas de trabalho, posicionou-se de forma autoritária e, até mesmo, negacionista, expondo a comunidade a uma situação de extrema vulnerabilidade, como verdadeiras cobaias humanas.

Professores, funcionários e estudantes protestaram, a APROPUC procurou os órgãos públicos e a publicização da grave situação. Lutamos pela vida e, como sempre em nossa história, não calaremos enquanto nossos docentes não gozarem de condições dignas de trabalho e saúde!

Por mais transparência e participação da comunidade nas decisões!

Por condições de trabalho e vida dignas!

Diretoria da APROPUC

Bolsistas receberão refeições prontas

No dia 04/03 o movimento Puc Sem Fome, do coletivo Da Ponte Pra Cá, conquistou uma vitória. A PUC soltou uma nota emergencial informando a distribuição de refeições prontas para estudantes bolsistas, após pressão e questionamento dos estudantes.

Com a volta das aulas,

após dois anos de trabalhos remotos devido à pandemia, a universidade decidiu fechar restaurantes e o bandejão por questões de segurança.

Muito dos alunos bolsistas são beneficiados com refeições gratuitas do bandejão, já que os restaurantes da região têm pre-

ços inacessíveis.

O coletivo Da Ponte Pra Cá, formado por bolsista da universidade, criou o manifesto "Puc Sem Fome", onde exigia a volta do bandejão, principalmente para aqueles que se beneficiavam das refeições gratuitas, e a extensão desse direito aos alunos FIES.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP

Edição: Valdir Mengardo

Reportagem e Fotos: Sthefane Mattos

Revisão: Marina D'Aquino

Edição de Arte /Editoração : Valdir Mengardo e Ana Lucia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Betriz Abramides, João Batista Teixeira, Jason T. Borba, Victoria C. Weischtordt, Maria Helena Gonçalves Soares Borges e Sandra Costa

APROPUC: Rua Bartira, 407 - Cep 05009-000 - Fone 3872-2685

AFAPUC: Rua Ministro Godoy, 1055 - Fone 3670-8208

PUCviva: Fone/WhatsApp: 3872-2685

Correio Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br

Pucviva na internet: www.apropucsp.org.br

Fala Comunidade

Que posição tomar diante da guerra na Ucrânia?

Erson Martins de Oliveira

Depois da Segunda Guerra Mundial e do fim da guerra da Coreia, inúmeras foram as guerras de intervenção. Em todas elas, os Estados Unidos estiveram direta ou indiretamente envolvidos. Ainda quando existia a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a Rússia interveio na Hungria, Checoslováquia e Afeganistão. As guerras travadas pelos Estados Unidos que mais se destacaram foram as do Vietnã, Iraque, Afeganistão e Síria. Há que considerar ainda sua influência na guerra de intervenção imperialista contra a Líbia.

Esse quadro indica que os Estados Unidos, ou impõem-se pelo poderio econômico, ou pelo militar. Não é preciso explicar o entrelaçamento entre o poder econômico e militar. Eis por que a potência norte-americana se encontra no epicentro da guerra na Ucrânia. Distintamente das demais guerras de intervenção acima citadas, desta vez, o mundo está diante de um enfrentamento aberto dos Estados Unidos e Rússia. Essa é a particularidade que traz dificuldades para caracterizar a natureza

desta guerra e definir uma posição correta.

Para os marxistas - como é o meu caso, militante do Partido Operário Revolucionário (POR) -, é preciso procurar a raiz de classe das guerras e definir as forças econômicas em confronto. Somente assim, se pode rejeitar a condenação moral, burguesa e pequeno-burguesa, das guerras, embora envolvam um sentido moral. Há guerras de libertação e guerras de dominação. A guerra do Vietnã, sem dúvida, foi essencialmente de libertação. A guerra do Iraque foi de dominação. A guerra da Ucrânia não é de libertação.

Esse é o ponto de partida para um posicionamento mais preciso possível, em meio à complicada rede de contradições. Afirmamos que os Estados Unidos estão no epicentro da guerra, e não a Rússia. O que não significa deixar de expor a sua responsabilidade em uma guerra de dominação. Simplificando, com o desmoronamento da URSS, a Rússia se enfraqueceu estrategicamente diante do poderio norte-americano e de sua aliança europeia. O Pacto de Varsóvia se desfez, mas a OTAN permaneceu, e caminhou no sentido de fe-

char o cerco à Rússia. As ex-repúblicas populares do Leste Europeu foram absorvidas pelo imperialismo ocidental e abriram caminho militar aos Estados Unidos e à OTAN. E boa parte das ex-repúblicas soviéticas se tornou um instrumento do cerco imperialista.

O avanço da OTAN, chegando à Ucrânia, desestabilizou o frágil equilíbrio regional, estabelecido depois do fim da URSS. Ocorre que a vitória final do imperialismo sobre a URSS evidenciou a existência da opressão nacional, como consequência da burocratização estalinista e do processo de restauração capitalista. A contraofensiva militar de Putin à integração da Ucrânia à OTAN se faz com os meios, métodos e objetivos típicos da opressão nacional. Não há, portanto, como caracterizar a ocupação da Ucrânia como anti-imperialista e progressiva. Não há como caracterizar como guerra de libertação. Está aí a contradição pela qual a classe operária, os demais explorados e a vanguarda com consciência de classe devem estar atentos, para não se submeter à campanha de Biden e aliados contra a guerra e à de Putin em sua defesa.

Atravessamos uma profunda crise de direção mundial da classe operária, o que deixa um campo aberto às forças da reação. Para potencializar a luta por sua superação, é fundamental uma resposta programática proletária-internacionalista. Estamos certos de que são justas para a situação as bandeiras: Abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial! Pelo desmantelamento da OTAN! Pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo! Pela retirada das Forças Armadas russas da Ucrânia! Pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia.

A luta por essas bandeiras somente pode enfrentar a ofensiva do imperialismo contra a Rússia e da Rússia contra as nações oprimidas, caso as massas exploradas de todo o mundo as empunhem. É nesse sentido que o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) convoca todas as correntes e movimentos a se unirem em torno a essas bandeiras.

Erson Martins de Oliveira
é ex-professor da PUC-SP
e ex-diretor da APROPUC

Dia Internacional da Mulher é marcado por manifestação

No dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, na Avenida Paulista, aconteceu mais uma passeata em comemoração à luta das mulheres.

Com a concentração no Vão do Masp, o ato teve como pauta a legalização do

aborto, valorização da mulher no mercado de trabalho, desaprovação e saída do presidente Jair Bolsonaro e Arthur do Val.

Com inúmeros cartazes apontando falas machistas de personagens da política brasileira, um boneco do

Arthur do Val, Mamã Fa-lei, foi incendiado no meio da avenida, devido aos áudios gravados em viagem à Ucrânia onde se referia às mulheres ucranianas como “fáceis e pobres”.

O ato seguiu até a praça Roosevelt.

APROPUC Campinas repudia homenagem a Olavo de Carvalho

A APROPUC Campinas repudiou o projeto do vereador Nelson Hossri de instalar um busto de Olavo de Carvalho na cidade. Para a entidade não tem sentido a homenagem a um negociacionista que apoiou a ditadura militar